

A Velhice no Olhar do Outro: Uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho

Old Age in the gaze of other: The younger's perspective about being old

Célia Pereira Caldas
Andrea Fernandes Thomaz

RESUMO: Este artigo teve como objetivo discorrer sobre as imagens que os jovens fazem dos velhos, ou seja, como os jovens enxergam e encaram os idosos e o envelhecimento contemporâneo, contribuindo para a manutenção de uma imagem pré-estabelecida socialmente ou permitindo aos velhos recriarem e se apresentarem de modo mais singular. Conclui-se que, apesar de os idosos ainda serem vistos com mitos e preconceitos, está emergindo outro conceito de se viver a velhice, mais positivo e inclusivo.

Palavras-Chave: Velhice; Identidade; Imagem Social.

ABSTRACT: *This text intends to discuss about the different images that young people have about elderly people, it's to know how young people see those elderly and face aging, contributing to keep the social image or promoting and allowing the elderly to present themselves in a different and in a particular way. The conclusion is that although elderly have being seeing with a lot of prejudice, a new way of living the aging is being created: a more positive and included way.*

Keywords: *Aging; Identity and Social Image.*

Introdução

O envelhecimento humano tem recebido destaque internacional no último século e, no Brasil, as pesquisas despontam a partir da década de 1980 com a mudança do perfil demográfico da população do país. As projeções feitas pelo IBGE colocam o Brasil como sexto lugar em número de idosos e, em 2050, superando inclusive o total de jovens de zero a quinze anos (IBGE, 2008).

Embora o envelhecimento já seja foco de políticas públicas, ainda há carência de recursos humanos especializados e de produção de conhecimento sobre o tema. Assim, subsiste a necessidade de se investirem recursos de todo o tipo nesta área. Desta forma se garantirá o avanço nas questões relativas ao envelhecer e no entendimento da velhice, propiciando então novas formas de encarar e lidar com esta temática.

Neste estudo, abordaremos a questão da identidade do idoso contemporâneo, relatada através do olhar do jovem, tendo como objetivo identificar que imagem e que identidade social o jovem atribui ao idoso e como ele contribui para manter ou transformar a imagem que temos dos velhos.

Esta abordagem está fundamentada na Psicologia Sócio-Histórica, cuja contribuição no estudo do envelhecimento humano também é apontada. Esta linha de análise concebe a identidade como uma categoria que envolve os demais em sua relação, ou seja, ela depende e é influenciada por outros fatores que envolvem além do indivíduo, aspectos extrínsecos ao sujeito como, por exemplo, a cultura e as relações sociais.

Neste sentido, a formação da identidade e subjetividade do idoso, bem como o modo como ele se coloca na sociedade, não é algo que diz respeito somente a ele, mas aos demais agentes sociais, que também vão interferir e contribuir para o conceito de envelhecimento que possuímos.

De acordo com esta vertente teórica, somos indivíduos multideterminados, ativos, históricos e sociais e, portanto, o tratamento e entendimento sobre a velhice e o lugar social que os velhos ocupam ganham significados distintos, conforme o contexto sócio-histórico e cultural. Desta forma, ao darmos visibilidade ao meio social e aos outros agentes sociais sobre a questão do envelhecimento, estamos contribuindo com uma análise mais ampla e completa, favorecendo intervenções mais eficazes e

adequadas, construindo uma sociedade mais inclusiva e acolhedora, que aceite as necessidades e demandas dos idosos.

O Velho Construído e em Construção

Por muito tempo, a imagem do idoso foi a de alguém que tinha muito com o que contribuir, ocupando um lugar de respeito na sociedade e na família, mais especificamente. A este idoso cabia a função de possuir a história e o passado dos familiares, sendo ele elemento fundamental para transmissão das memórias, histórias e lembranças vividas por aquela família. Esta imagem, porém, modificou-se ao longo do tempo, conforme Lodovici, *apud* Campedelli, indica:

O idoso sempre existiu identificado como o avozinho querido na sua função acolhedora aos mais novos, com laços afetivos bastante sólidos entre ambos, a despeito do progressivo afrouxamento dos laços afetivos sociais e das inúmeras perdas advindas do envelhecimento. Durante algumas décadas, o idoso foi reduzido a um ser sem voz e de opinião não relevável, visto como um ser de ideias ultrapassadas, justamente pela precedência etária e pelo fato de estar, via de regra, fora do mercado de trabalho e dos avanços científicos e tecnológicos; reserva-se, assim, um lugar triste ao idoso, despojado de sua condição de sujeito, sendo criada uma imagem negativa e equivocada de velhice. (Lodovici, 2006; *apud* Campedelli, 2009: 16)

Assim, houve uma mudança na imagem do idoso, agregando-se a esta estigmas e valores negativos. Tal fato se deu basicamente em consequência da escalada de uma lógica consumista em nossa sociedade, quando ser jovem, ativo e bem sucedido passou a ser o foco do mercado.

O corpo expõe claramente a chegada da velhice, pois além de tornar-se mais lento e sucessível a doenças, adquire rugas e perde a sua firmeza e vigor. Tal modelo de corpo não é considerado belo nesta sociedade; portanto, há uma perda de valor social. A aposentadoria também traz consequências sociais. Aposentar nesta sociedade é perder status social e econômico e leva à diminuição do círculo de relacionamentos do indivíduo. É como desenvolve Izzo:

O envelhecimento está associado a perdas e mudanças. Acontece a aposentadoria, que traz conseqüente diminuição de sua fonte de rendimento que, por sua vez, vai interferir no poder aquisitivo, significando um menor padrão de vida. A perda de amigos e da família, assim como a separação dos filhos, torna-se cada vez mais dolorosa. A perda de vigor e da atração e, finalmente, a perda da saúde constituem os lembretes finais de que o ciclo está se fechando. (1997: 27)

No entanto, embora a velhice represente um declínio biológico e a perda de status econômico e social, começa a surgir um novo conceito de velho e uma nova forma de encarar e se relacionar com o envelhecimento.

A partir da constatação do aumento da população idosa, configurou-se a possibilidade de um novo nicho de mercado consumidor – o idoso. Esta virada pode ser observada a partir da década de 90, quando grande parte das empresas que representam o mercado de bens de consumo, como bancos, agências de turismo para terceira idade, dentre outras passaram a visar o velho em suas propagandas.

Com isso, emerge uma nova imagem de velho – uma pessoa idosa, porém ativa e participativa, com poder de decidir o que quer (basicamente o que quer comprar). Como consequência, observa-se uma modificação na visão anteriormente negativa da velhice e um outro contorno passa a ser dado sobre a imagem do idoso. Este “idoso moderno” é pautado num modelo de envelhecimento ativo, o que certamente tem contribuído para a transformação da imagem individual e social do sujeito velho.

As imagens sociais e individuais de velhice estão ligadas por um movimento constante de criação que é responsável pela construção da identidade do idoso. Quando o velho se depara com uma determinada imagem social, ele é capaz de se apropriar de características que compõem esta imagem, modificando sua identidade pessoal. Conseqüentemente, ele se apresentará ao mundo de uma nova forma, agora transformado por estes novos significados sociais.

Assim, ele mostra para a sociedade um novo velho, que pode modificar também o significado social de velhice, criando um ciclo de constante movimento. Este ciclo contínuo e interminável vai contribuir na construção da identidade dele como sujeito velho e na imagem social de velho que o restante da população terá, ou seja: “velho e

mundo passam a estabelecer entre si uma integração que cria e recria, permitindo assim uma identificação mútua.” (Campedelli, 2009: 66).

Portanto, podemos dizer que identidade nenhuma se forma por relações intrapessoais, do indivíduo consigo mesmo, numa experiência exclusivamente intrínseca e interior, mas sim no contato do sujeito com o mundo externo e ambiente que o cerca. Campedelli explica a relação indivíduo/categoria/sociedade de maneira muito clara ao falar da formação de identidade:

É difícil falar de identidade sem fazer referências as suas raízes relacionais e sociais, portanto, a identidade define a nossa capacidade de agir e de falar, diferenciando-nos e nos igualando uns aos outros. A construção da identidade se produz e se mantém na possibilidade de auto-identificação, encontra-se apoiada no grupo ao qual pertencemos e nos situa de acordo com o sistema de relações que vamos produzindo e efetivando ao longo do tempo. (...) portanto, a identidade é, em cada caso, uma relação que compreende nossa capacidade de nos reconhecermos e na possibilidade de sermos reconhecidos pelos outros. (Campedelli, 2009: 15)

Como a autora reforça, as relações sociais são fundamentais na formação identitária, pois é neste convívio com os outros que o sujeito adquire ideias, comportamentos e hábitos, ao mesmo tempo em que disponibiliza e oferece aos demais, características dele que poderão ser apropriadas pelos outros de modo particular e singular, mas não como mera cópia do que é ofertado.

Aí nos deparamos com o caráter mutável da identidade (tanto social, grupal quanto pessoal), já que a sociedade e seres humanos encontram-se sempre em movimento, como pontua Campedelli, ao resgatar Berger e Luckman: “identidade é um contínuo processo de interiorização e exteriorização que constitui a base para a compreensão de nossos semelhantes e diferentes, garantido-nos a possibilidade de aprender o mundo como realidade social dotada de sentido.” (Campedelli, 2009: 66)

Ciampa, corroborado posteriormente por Campedelli, afirma que a identidade, embora vista muitas vezes como um caráter estático, é metamorfose e se produz ao longo da vida do indivíduo (Ciampa, 1986). O autor coloca que inicialmente a identidade assume o papel de nome, já que é através dele que nos diferenciamos de outras pessoas. Depois de um tempo, a identidade vai-se mostrando de outras formas,

como papéis que remetem a diferentes personagens, de acordo com o contexto e situação que o indivíduo está vivenciando. Isto quer dizer que, conforme o sujeito se coloca no mundo, ele mostra uma parte de sua identidade, enquanto esconde as outras.

Mas muitas vezes, conforme vamos construindo nossa subjetividade, acabamos reproduzindo com frequência características e jeitos que parecem imutáveis e fixos na nossa identidade, de tanto que nos é presente. Contudo, mesmo quando o sujeito reproduz sua identidade, permanecendo quase sempre no mesmo papel e no mesmo personagem, ainda assim podemos dizer que ele não se mantém intacto, que, por mais que não seja visível, ele continua a se transformar, já que a transformação é “uma propriedade da matéria, propriedade que toda e qualquer formação apresenta, como parte da totalidade (matéria)”. (Ciampa, 1986:116).

Desta maneira, é possível afirmar que aparentemente, se olharmos um dado momento da vida de um indivíduo, podemos pensar que há uma conclusão, um fechamento da identidade, porém, ao olharmos o sujeito levando em conta apenas um momento de sua vida, exclui-se tudo o que ele já viveu e viverá, exclui-se o movimento de construção, de transformação permanente do ser humano.

Isto significa dizer que mesmo no caso dos idosos, quando muitas vezes nos equivocamos ao pensar que já estão esgotadas suas possibilidades de movimento da identidade, seja pela idade ou pelo tempo em que tem reproduzido um mesmo personagem, existe sim a possibilidade de se colocarem no mundo de outra forma. Esta possibilidade pode ocorrer de diversas maneiras como, por exemplo, ao se depararem com uma imagem social de velho, eles podem reproduzi-la somente (identificando-se como igual e movimentando muito pouco sua identidade), ou recriar uma nova identidade de velho (a partir de uma relação de contrastividade, entre o apresentado e a maneira como ele se encara), como aponta Mercadante:

A existência de uma identidade construída, a partir de um modelo estigmatizador de velho e a verificação de fuga desse modelo pelos próprios idosos que, como indivíduos, como seres singulares, não se sentem incluídos nele, aponta para o fundamento mesmo, próprio da construção de uma identidade social paradoxal: o velho não sou “eu”, mas é o “outro”. É no levantamento desse fundamento, que contrasta e realça, que as diferenças pessoais surgem e imediatamente se contrapõem à categoria genérica de velho. Assim, se por um lado, o

levantamento das diferenças, das particularidades exibidas individualmente remetem para a negação do modelo geral, por outro lado, essas mesmas e tantas outras novas particularidades podem ser trabalhadas pelos indivíduos para a produção de um novo sujeito velho. Assim, esse novo sujeito se produz, não se produz na contraposição de uma “alteridade jovem”, mas sim a partir da produção de uma “subjetividade” negadora da identidade estigma”. (Mercadante, 1997: 32)

Portanto, é nesta relação de contraste entre o velho de um modo geral e o velho particular que também se produz a subjetividade. A contradição gerada pela imagem social do velho e as variações individuais é a base para que a subjetividade do homem se produza. Ciampa, ao falar da construção da identidade, pontua que “(...) a identidade é diferença e igualdade” (1986: 102).

Sendo assim, devemos observar que imagem social estamos disponibilizando e oferecendo aos idosos, para que na sua reprodução, ela não seja a transmissão de caracteres preconceituosos e limitadores e para que ela possa promover uma subjetividade mais rica e com maior número de possibilidade aos idosos.

Portanto, para compreender melhor quem é este velho e como ele interage com a sociedade, se faz necessário investigar como o idoso encara a própria velhice, analisando também a imagem que os outros membros da sociedade têm do velho.

Percurso Metodológico

Este estudo é uma pesquisa bibliográfica e buscou investigar através do olhar dos jovens, as imagens sociais predominantes que constituem em diferentes intensidades, a concepção do que é ser idoso. Além disso, pretendeu-se verificar como o jovem lida com a questão do envelhecimento e como ele reforça e/ou ajuda na construção de uma nova identidade do idoso e qual seria esta.

Como fontes de dados, utilizamos três dissertações de mestrado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Azeredo, 2002; Martinez, 2007; Oliveira, 2009), nas quais jovens foram ouvidos a respeito da identidade do idoso. Estes estudos foram

selecionados por abordarem o tema considerando as referências sócio-culturais, podendo assim ser analisados à luz da vertente teórica que fundamenta este trabalho.

Somente um estudo (Azeredo, 2002) apoiava-se na teoria psicanalítica, mas foi considerado indispensável, já que tratava da sexualidade dos idosos, temática que não estava presente nos demais. Este estudo fez considerações importantes sobre a influência do meio na visão dos jovens. Em todas as dissertações os dados foram colhidos em ambientes educacionais (duas em escolas e uma em universidade).

Os Achados

1. Quem é o velho?

Uma das pesquisas (Martinez, 2007) trouxe uma questão importante na maneira de se enxergar a velhice, mostrando as diferenças de sentido quando usamos diversas palavras para nos referirmos ao indivíduo de 60 anos ou mais. A palavra ‘velho’ foi vista como um termo depreciativo, carregado de significados negativos e preconceituosos. O termo ‘idoso’ foi categorizado como algo mais personificado, com mais características dos idosos. Já a palavra ‘terceira idade’ remete a algo mais grupal. O apontar da simples diferença de nomenclatura já denota vários modos como o idoso é encarado pelos jovens.

Outro fator bem marcante foi que os jovens enxergam nos velhos alguém bem diferente deles. Os idosos são vistos como um ser de outro mundo, possuindo diferentes costumes, ideias, hábitos e não acompanhando os pensamentos modernos e a realidade tecnológica. Os jovens enxergam os velhos como um ‘outro’, o que gera um distanciamento intergeracional, pela dificuldade de compreender e lidar com as diferenças (Martinez, 2007) e (Oliveira, 2009).

Embora estes jovens tenham contato com idosos e afirmem que tal contato é importante, nota-se que tais relações, apesar de terem também o afeto, são marcadas pela intolerância ao que chamam de ‘chatice do velho’ (Oliveira, 2009) e pela dificuldade de se relacionarem com o diferente (Martinez, 2007) e (Oliveira, 2009). Além disso, também é percebida uma posição de distanciamento dos jovens com os idosos, quando os jovens afirmam que consideram importante a convivência entre diferentes gerações, mas defendem espaços dedicados somente a esta faixa etária

(Martinez, 2007). Tais fatores indicam a existência de uma lacuna no convívio com o idoso, marcado pela incompreensão e intolerância, o que pode ocorrer pela falta de valorização da figura do idoso como alguém capaz e que ainda tem com o que contribuir e pelo afrouxamento dos laços familiares.

O fator biológico também é apontado pelos jovens na constituição do que acreditam ser velho (Martinez, 2007) e (Oliveira, 2009). A doença é vista como um dos problemas mais comuns, a perda das funções cognitivas e a fragilidade também são apontadas. Poucos adolescentes sugeriram a independência e a convivência social como algo presente na vida dos idosos (Oliveira, 2009). A doença e as limitações físicas e biológicas são fatores que dificilmente ficam de fora quando se trata de velhice. Lopes destaca que

(...) com frequência referimos aos problemas da velhice como se ela estivesse intrinsecamente ligada a perdas orgânicas. Alterações na fragilidade física e mental, tão necessárias à sobrevivência nas sociedades produtivas confrontam-nos com o processo de envelhecimento. (2000: 30)

Apesar dos fatores negativos enumerados acima, o velho também é visto como alguém experiente e sábio, características encontradas em duas pesquisas (Martinez, 2007) e (Oliveira, 2009). Mas o que se pode observar é que embora quase todos os jovens atribuam esses dois aspectos positivos à velhice e defendam que é possível ser feliz nesta fase da vida, a imagem que eles têm do idoso é marcada principalmente por aspectos negativos, como preconceitos, desvalorização social, maus tratos, limitações biológicas e diferenças culturais. Isto fica evidente quando os jovens, ao imaginarem a própria velhice, se deparam com um sentimento de desconforto e com dificuldades de se enxergarem em tal situação (Azeredo, 2002), (Martinez, 2007) e (Oliveira, 2009). Além disso, a velhice ainda se mostrou como algo desconhecido e distante da realidade deles, o que fica claro quando alguns definem o idoso através uma imagem idealizada, diferente da real (Martinez, 2007).

Com relação à sexualidade dos velhos, podemos dizer que foi o item que mais apontou aspectos realistas e com menos estigmas. Talvez isto tenha ocorrido por existir neste ambiente acadêmico, a presença de uma Universidade da Terceira idade, em que os idosos são “bastante atuante na sociedade, local e regional, com participações frequentes em programas de televisão, em jornais e revistas da universidade e fora

dela.” (Azeredo, 2002: 108) e também pelo fato de estes jovens serem mais velhos e terem um nível de escolaridade mais elevado, o que propiciaria um olhar menos estigmatizado sobre o velho. Mesmo assim, foi percebido na terceira pesquisa um distanciamento dos participantes ao se imaginarem idosos e ao discutirem sobre a sexualidade na velhice (Azeredo, 2002).

Os jovens acreditam que a sexualidade dos idosos não se dá da mesma maneira que a vivida no passado, pois acham que, na velhice, a frequência é diminuída e o sentimento e o carinho tomam lugar da atração sexual. Também foram observados relatos de negação da sexualidade do idoso, como se ser idoso implicasse em cuidar dos netos e filhos, delegando à sexualidade um lugar secundário. Algumas características que os jovens relataram sobre a sexualidade do idoso se repetiram quando lhes foi pedido que se imaginassem velhos, principalmente a diminuição da frequência e a presença da afetividade. Por outro lado, ao se imaginarem velhos, noções negativas tomaram peso na análise dos jovens. Assim, quando falam da sexualidade do outro, do idoso, ela é encarada de maneira mais tranquila e com mais possibilidades, mas ao se colocarem no lugar dos idosos, a sexualidade não parece ser tão ‘natural’ quanto afirmam (Azeredo, 2002).

Tal distanciamento e a necessidade de refletir sobre o envelhecimento denotam uma falta de proximidade com o mundo dos idosos e um afastamento do que é passado no envelhecimento humano, o que pode contribuir para que a identidade social do velho seja reproduzida, mantendo-se uma imagem estereotipada de idoso, em que falsas ideias e preconceitos ainda estejam presentes.

Podemos dizer que embora percebamos em nossa sociedade uma mudança na maneira de encarar a velhice, já que o que estamos construindo é um modelo de velho menos rotulado e mais presente na sociedade, que busca mais prazer na vida, aderindo a práticas esportivas, viagens e ocupação dos espaços públicos, ainda podemos afirmar que a identidade do velho continua muito colada numa identidade-estigma, construída no passado e predominantemente marcada por perdas e ônus. A transformação da identidade do idoso para alguém mais participativo na sociedade ainda não foi substancialmente evidenciada, pois embora a sexualidade do idoso seja vista sem grandes idealizações e pessimismos (Azeredo, 2002), a imagem que o jovem faz do velho ainda é de alguém que vive outro mundo, lidando com diferentes questões,

hábitos, transformações corporais e declínio biológico e afastamento com a modernidade tecnológica. (Martinez, 2007) e (Oliveira, 2009)

É importante destacar que embora esta transformação possa estar acontecendo, ainda precisa ser mais intensa para que seja percebida pelos diversos segmentos da sociedade, como é o caso dos adolescentes. Também é válido pontuar que alguns jovens relataram a necessidade de conhecer melhor as questões da velhice, afirmando que não há esta discussão na sociedade. Martinez (2007) e Oliveira (2009) chamam a atenção para a inclusão do envelhecimento nas discussões dentro do espaço educacional, o que acarretaria de acordo com as mesmas, na diminuição do preconceito e numa melhora do entendimento sobre o envelhecimento humano.

2. O velho que ainda pode

Apesar de se observarem aspectos que evidenciam que o velho ainda é visto com muito estigma, foi observado que os adolescentes enxergam, no idoso, características positivas, reconhecendo o valor do velho, embora às vezes isto tenha sido, em alguns momentos, identificado como um cuidado dos jovens para não expressarem opiniões negativas sobre a velhice, sendo politicamente corretos (Martinez, 2007).

O velho apontado pelos participantes também foi definido como alguém capaz de realizar atividades que um adulto faz (ser fisicamente capaz) (Martinez, 2007) e como alguém que tem muita experiência e sabedoria, características que ajudam a guiar e a construir a sociedade (Martinez, 2007) e (Oliveira, 2009). Esses elementos são fundamentais na construção de uma visão mais real e humana dos idosos, pois eles permitem ao velho continuar participando ativamente da sociedade, uma vez que são vistos como importantes agentes sociais.

Além disso, foi apontada a possibilidade e aceitação do idoso conviver e se relacionar com outras gerações, embora alguns sujeitos tenham defendido a criação de espaços públicos exclusivo para os idosos (Martinez, 2007). Isto, porém, pode não ser traduzido como um preconceito ou uma contradição de informações, pois esta é uma discussão delicada mesmo para os estudiosos do envelhecimento, já que

por um lado faz parte do conjunto de políticas para a terceira idade a disponibilização desse tipo de equipamento, tendo em vista a

necessidade de atender à parcela da população em constante crescimento, principalmente aqueles que não dispõem de muitas opções culturais e de lazer. Neste aspecto, pode-se considerar benéfica a iniciativa. Por outro lado, dificilmente esses locais oferecem opções de atividades compartilhadas pelos familiares do idoso, ou projetos voltados para o fortalecimento das relações familiares, o que pode contribuir para acentuar o distanciamento dos membros. (Martinez, 2002: 87)

Embora evidenciado tal distanciamento dos idosos com outras gerações, o idoso foi visto como presente e atuante na família em dois sentidos: financeiramente e nos cuidados, seja para dar afeto, quanto para ter autoridade sobre os netos (Oliveira, 2009). No entanto, esta participação só se dá em função das necessidades da família e não por escolha do próprio ou pelo reconhecimento da autoridade do idoso. Muitas vezes o idoso é o chefe da família porque é o único que tem renda estável (sua aposentadoria).

Outro elemento que também é positivo foi com relação à sexualidade do velho, entendida dentro de uma perspectiva mais real, predominando uma visão pautada no que seria o curso normal da sexualidade, com diminuição da frequência, encarando o sexo como diferente do que era no passado e como uma diversão, uma maneira de se obter prazer na vida (Azeredo, 2002).

Também foi colocada pelos adolescentes a possibilidade de ser feliz na terceira idade, de ser possível viver a velhice de modo pleno, intenso. É necessário dizer que, embora os jovens tenham apontado esta possibilidade, quando imaginaram a própria velhice, não se viram desta maneira (Martinez, 2007). Contudo, somente a afirmação de enxergarem a possibilidade de vida plena, de felicidade no envelhecimento, já é um fator muito positivo. Reconhecer que velhice não é só perdas e ônus, é um elemento fundamental para enxergar outras possibilidades e diferentes caminhos para o velho, já que o olhar do outro também é importante na construção de uma nova forma de envelhecer.

Assim, embora o velho ainda seja visto como ‘possuidor’ de muitas características negativas, ele também é visto como um ser capaz e vivo, podendo ser ativo na construção de sua história e contribuindo com a história social e familiar.

Considerações Finais

Podemos afirmar que o jovem ainda enxerga o idoso como alguém que carrega muito mais ônus do que bônus, ou seja, o jovem classifica a velhice como uma etapa difícil de viver devido às limitações físicas e biológicas, aos preconceitos e maus tratos e ao distanciamento com as questões que norteiam os demais membros da sociedade. Assim, é possível dizer que a imagem que o jovem faz do velho ainda está vinculada à identidade estipulada socialmente, em que o idoso é percebido por características gerais e coletivas, nas quais a maior parte delas é negativa, e não visto como um indivíduo único e com outras possibilidades.

Por outro lado, também foi possível identificar novas mudanças no modo de encarar o envelhecimento. Ao velho já estão sendo atribuídas características positivas, que fazem com que a velhice seja vista sob uma nova ótica. O idoso foi apontado como alguém física e emocionalmente capaz, cuidando também da família, tanto financeira como emocionalmente. A ele também foi atribuída a capacidade de se relacionar sexualmente, independentemente das mudanças e alterações na resposta sexual que ocorrem com o envelhecimento.

O convívio intergeracional foi visto como importante, o que também denota uma mudança no modo de pensar da sociedade. Isto indica uma nova visão de velho, pautada em outros valores sociais e marcada por características que não são somente negativas, que começam a configurar um idoso mais participativo e possuidor de direitos e desejos, assim como qualquer outro cidadão.

É importante ressaltar que este novo modelo de velhice ainda está sendo construído. Muitas ideias preconceituosas sobre os idosos precisarão ser revistas e imagens novas e mais reais precisam emergir para que a identidade ditada socialmente não sirva de rótulo e estigmatize os idosos. É preciso que os idosos não se moldem conforme os padrões de velho estabelecidos, não se identificando como tais, mas que sejam capazes de criar a partir desta identidade dada e apresentar à sociedade uma nova forma de viver o envelhecimento, que será aos poucos apropriada por todos.

Mercadante coloca que devemos também ficar atentos para que identidade estamos formando, para que, contentes com esta transformação, não estejamos contribuindo para a formação de um idoso ainda mais 'negativo' e às margens da sociedade. Sobre isso, ela ressalta que:

O reivindicar a diferença é o primeiro passo, mecanismo básico da construção da identidade. Num segundo momento, cabe a avaliação da diferença, das muitas diversidades, heterogeneidades, numa sociedade homogeneizadora. Cabe não só avaliar o movimento que vai da homogeneização para a criação das muitas e diversas identidades, como também o potencial novo e transformador que essas diferentes marcas possuem frente à sociedade mais inclusiva. Também, antes de aplaudir o caráter libertário das marcas, deve-se perguntar em que medida as mesmas não são simplesmente máscaras novas que escondem o velho e, pelo fato de ser impedida sua reprodução (da marca), apresentam o velho de maneira diferente. (Mercadante, 1988: 154)

Desta forma, embora possamos dizer que é possível perceber mudanças significativas na maneira de encarar o envelhecimento, é necessário estarmos atentos para que identidade de velho está a surgir. Para que o velho seja mais compreendido e ganhe espaços efetivos em nossa sociedade, precisamos continuar fomentando discussões e criando espaços propícios para que o envelhecimento seja pensado e encarado adequadamente, envolvendo todas as parcelas da sociedade. Para isto, é preciso inserir também nos ambientes educacionais a temática do envelhecimento, pois só assim enxergaremos o idoso de maneira menos preconceituosa e mais pautada na realidade e necessidade dos velhos, além de estarmos mais preparados para lidar com as questões que permeiam o envelhecer.

Referências

- Azeredo, R.H.S. (2002). *A sexualidade idosa no imaginário do jovem adulto*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Campedelli, M.A. (2009). *A identidade do velho no mundo contemporâneo*. São Paulo. Dissertação (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Ciampa, A.da C. (1986). *Um estudo de Psicologia Social sobre A Estória do Severino e a História da Severina*. São Paulo. Dissertação (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Izzo, H. (1992). *Convivendo com a velhice: Efeitos da atividade física grupal no bem estar físico e psicológico dos idosos*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)- Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

IBGE (2008). Projeção da população do Brasil. Encontrado em 01 dezembro, 2010, em em:

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=1272.

Lodovici, F.M.M. (2006, dez.). O idoso e o discurso fílmico tabagista: efeitos de sentido de uma tal aproximação. *In: Revista Kairós Gerontologia*, 9(2): 87-112. *Apud: Campedelli, M.A. (2009).*

Lopes, R.G.da C. (2000). *Saúde na velhice: As interpretações sociais e os reflexos no uso de medicamento*. São Paulo: Educ-Fapesp.

Martinez, Y.L.H.das N. (2007). *A visão do jovem manauense do ensino médio sobre a velhice e o envelhecimento*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Gerontologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Mercadante, E.F. (1997). *A construção da identidade e subjetividade do idoso*. São Paulo. Dissertação (Doutorado em Ciências Sociais)- Instituto de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Mercadante, E.F. (1988). Identidade étnica e política. *In: Religião, política e Identidade*. São Paulo: Educ-Série Cadernos, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Oliveira, S.A.P. (2009). *O jovem frente à velhice e ao envelhecimento. Um estudo realizado com alunos de 15 a 18 anos de escola pública na região Itaim Paulista, São Paulo*. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Recebido em 10/10/2010

Aceito em 25/11/2010

Célia Pereira Caldas – Departamento de Saúde Pública. Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail: celpcaldas@hotmail.com

Andrea Fernandes Thomaz. Psicóloga formada pela PUC-SP. Especialista em Gerontologia pela UERJ.

E-mail: deiafnd@yahoo.com.br